

O APARECIMENTO DA CERÂMICA COMO INDICADOR DE MUDANÇA DO PADRÃO DE SUBSISTÊNCIA¹

*Maria Cristina Mineiro Scatamacchia**

RESUMO: O trabalho apresenta o aparecimento da cerâmica como sendo um indício de mudança do padrão de subsistência. Faz algumas considerações sobre a tradição Mina, com cerâmica datada de 4700 ± 65 , que ocorre em sítios concheiros no baixo Amazonas e no litoral do Pará. A presença de cerâmica nestes sítios típicos de grupos pescadores e coletores pode indicar uma etapa transitória entre a coleta e a produção. Esta cerâmica, juntamente com outras ocorrências semelhantes na América do Sul devem ser analisadas de forma conjunta como parte de um processo de mudança.

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer algumas considerações sobre o aparecimento da cerâmica e sua possível relação com a mudança do padrão de subsistência.

Os indícios arqueológicos dos elementos ligados à subsistência, tanto vegetais como animais, são escassos na maioria dos sítios localizados nas áreas tropicais. Como consequência desta situação não temos para o leste da América do Sul, um quadro bem delimitado do desenvolvimento das diferentes formas de captação e produção de alimentos, assim como das principais espécies utilizadas. Neste caso os indícios indiretos são de grande importância, sendo que da análise da cerâmica e do material lítico, pode-se inferir as atividades e os processos em que estiveram envolvidos para a captação e preparação de alimentos.

Cerâmica com antiguidade semelhante àquela encontrada em outras regiões americanas foi evidenciada no Brasil, até o momento, apenas no baixo e médio Amazonas. Mesmo não apresentando um quadro cultural completo, o estabelecimento da tradição ceramista Mina, com datação de C14 que varia de 3000 a 1600 AC, representa um importante dado para o questionamento sobre o aparecimento da cerâmica e o ponto de partida para a correlação com outras representações semelhantes.

1 Este trabalho foi originalmente apresentado no I Simpósio de História da Comissão de História do IPGH em Quito, Equador, em 1988, sob o título de "A cerâmica antiga no Brasil". O objetivo nesta ocasião foi de apresentar a análise desta cerâmica de acordo com os critérios de uniformização da terminologia e classificação das técnicas e decorações que estão sendo desenvolvidos pelo Comitê de Arqueologia do IPGH. Visou não apenas testar o sistema proposto como também possibilitar as correlações com as cerâmicas mais antigas de cada país, que também foram descritas com os mesmos critérios. Esta análise foi retirada desta versão que obedece a outros propósitos.

* Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

A cerâmica como possível evidência indireta

Na realidade, as evidências culturais indiretas sobre a utilização de plantas na dieta alimentar, inclui os vestígios reais das espécies preservadas ou impressões destas em alguma matrix. Como assinala bem Alexander (1969) o fato de considerar outros traços culturais associados, deve ser analisado com todos os cuidados. Acha-mos, entretanto, que alguns traços, como por exemplo a cerâmica, podem ser con-siderados como elementos para a construção de hipóteses para traçar um pano-rama de mudança.

Consideramos o aparecimento da cerâmica como um elemento necessário ao processamento ou mesmo ao armazenamento² de algum tipo de alimento de origem vegetal. O que não significa que o fato possa ser ligado mecanicamente à origem da agricultura, pois a necessidade pode ocorrer também para satisfazer a manipula-ção de plantas selvagens.

Estamos também conscientes do perigo de se considerar um único traço cul-tural dentro de uma complexidade de fatores. Mas esta é a informação disponível no momento, que pode servir como dado inicial de reflexão a ser complementada e testada em contextos semelhantes, onde outras variáveis poderão ser examinadas.

Podemos associar facilmente certos artefatos com determinadas necessidades de armazenamento e de processamento, tanto de grãos como de raízes, assim a forma destes artefatos envolvidos possibilitam a inferência das espécies contidas ou manipuladas. Entretanto a simples presença destes não pode ser conclusiva sem a complementação de uma evidência não cultural ou de um dado direto. Entretanto, tornamos a repetir, que a presença de determinados tipos de artefatos pode e deve servir como pretexto para a reflexão e formulação de hipóteses sobre o seu envol-vimento na dieta alimentar. Estas hipóteses podem inclusive contribuir para a for-mulação de futuros trabalhos, despertando a discussão entre diferentes especialis-tas antes da escavação, visando a recuperação de evidências através de técnicas especiais ligadas a outras disciplinas, como a botânica e a química. Estes traços muitas vezes são perdidos quando pensados em uma avaliação pós-escavação.

A Tradição Mina: a cerâmica mais antiga até o momento no Brasil³

A presença de cerâmica pertencente à tradição Mina foi evidenciada, até o momento, no Baixo Amazonas, em sítios localizados nas margens de rios, furos, interiores de baías e ilhas, cercados total ou parcialmente por manguezais e apicuns. Vestígios desta tradição podem ser encontrados por uma vasta região e com uma duração temporal em torno de 1.500 anos, visto que as datações de C14 oscilam entre 1.600 e 3.000 a.C.

2 Quando falamos de armazenamento estamos pensando na necessidade de conter algum gênero a curto prazo ou na guarda de algum produto processado, visto que a prática da estocagem ser inviável nas áreas tropicais no que se relaciona a produtos naturais.

3 Esta colocação baseia-se nos dados publicados, pois temos notícia de cerâmica encontrada no médio Amazonas (Taperinha, Santarém) datada pelo C14 em 7000 anos (A. Roosevelt, comunicação pessoal).

A tradição Mina engloba, pelos dados que pudemos obter, três fases arqueológicas: Castália, Mina e Uruá. A primeira foi identificada por Hilbert (1959) e as outras estabelecidas dentro do projeto Salgado (Simões, 1972, 1973 e 1981).

As informações sobre a fase Castália são escassas, assim como era escasso o material que serviu para a sua identificação. Mesmo tendo como base um número reduzido de fragmentos provenientes de coleta de superfície, a sua presença neste sambaqui fluvial do Baixo Amazonas, representa um dado importante para a compreensão da área de ocorrência desta cerâmica.

Analisando o conjunto cerâmico do Sambaqui de Jauari, Hilbert diferenciou uma cerâmica temperada com conchas e outra com cauixi e com decoração hachurada zonada. A primeira, denominada fase Castália foi caracterizada por este autor como pertencente a uma tradição mais antiga daquelas tradicionalmente estabelecidas para a Bacia Amazônica, representando uma transição no padrão de subsistência, do tipo marginal, associado aos grupos coletores construtores dos sambaquis, para o tipo de Floresta Tropical. Parecem estar associados a esta fase certos tipos de artefatos líticos, como machados, quebra-coquinho, socadores.

As outras duas fases que serviram para o estabelecimento desta tradição foram identificadas a partir de um grande número de fragmentos provenientes de escavações, prospecções e coletas superficiais de 43 sambaquis do litoral do Pará.

Estes sítios são constituídos por Sambaquis compactos, que parecem ter sido bem numerosos conforme a descrição dos viajantes e naturalistas que percorreram esta região. Explorados entretando desde o período colonial para a extração de cal, já no final do séc. XIX estavam quase totalmente destruídos, sendo que muitos desapareceram e outros deixaram apenas testemunho do que foram.

A primeira pesquisa arqueológica foi iniciada em 1968 com o Projeto Salgado, sob a coordenação de Mário Simões e Conceição Corrêa, do Museu Paraense Emílio Goeldi, abrangendo os Sambaquis cerâmicos do Litoral Nordeste do Pará.

A região do Salgado corresponde à área banhada por águas salgadas ou salobras que se estende da Baía de Marajó à Foz do rio Gurupí, entre os meridianos 46° a 48° W e os paralelos 0°30' a 1°S. Compreende toda a faixa litorânea sujeita às influências das marés, que apresentam variações muito acentuadas nesta região. Trata-se de um litoral extremamente recortado e constantemente modificado pela acumulação de sedimentos e alargados pelas embocaduras dos rios e pela presença de inúmeras ilhas, separadas entre si ou do continente por canais estreitos.

A morfologia destes sítios pode ser descrita de um modo geral como possuindo uma estratigrafia visível, com camadas praticamente horizontais com espessura variável, contendo conchas, ossos de animais e outros traços culturais. Estão assentados sobre terreno arenoso-argiloso com concreções lateríticas, com uma fauna malacológica bem variada, mas com predomínio de *Anomalocardia brasiliiana*. Em alguns sambaquis foram evidenciados sepultamentos humanos, primários e diretos, associados com material cultural.

O inventário material remanescente dos sambaquis é constituído pelos artefatos que foram elaborados em matéria prima resistente à umidade, isto é basicamente pedra e cerâmica.

Nos sambaquis do Salgado este inventário está representado principalmente por inúmeros fragmentos de cerâmica utilitária. Dos poucos artefatos líticos destacam-se as lâminas de machado semi-polidas, talhadores lascados ou picotados, raspadores de lascas e quebra-cocos. Objetos de osso e concha, vértebras de peixes servindo como contas de colar e adornos auriculares, pingentes de dentes de animais e conchas, anzóis de conchas e carimbo para pintura corporal de osso, também foram encontrados.

As formas cerâmicas reconstituídas indicam peças pequenas, arredondadas, com base plana, bordas diretas, inclinadas interna ou externamente, ou ainda, extrovertidas, com o lábio plano ou arredondado. A cerâmica simples é a mais numerosa (68%), sendo que a decoração mais comum é aquela feita com banho vermelho, seguida por insignificante amostragem de escovado, raspado, roletes não obliterados e um inciso incipiente. O pigmento vermelho utilizado na decoração deve ter sido extraído de fragmentos de laterita, ricos em hematita e, provavelmente também usado para a pintura corporal.

Esta cerâmica pode ainda ser correlacionada com aquela da fase Alaka (Evans e Meggers, 1960). Faltam, entretanto, informações que permitam traçar uma correlação mais ampla e contínua com outras ocorrências.

OS SAMBAQUIS DO SALGADO: MODO DE VIDA

As pesquisas desenvolvidas nos sambaquis dentro do projeto Salgado, visaram colher elemento para o estabelecimento de uma sequência do desenvolvimento cultural e temporal do litoral do Pará, a partir da ocupação dos grupos coletores até a sua substituição por grupos horticultores. Diferentes dos Sambaquis do Sul e Sudeste do Brasil onde aqueles com datação entre 3.000 e 1.500 a.C., são todos pré-cerâmicos, os do litoral do Salgado são cerâmicos.

Atualmente, a maioria encontra-se reduzida a uma camada residual de conchas, cerâmica e outros elementos culturais com 40 cm de altura sendo que em poucos ainda estão presentes porções que testemunham a sua antiga dimensão. Aquelas residuais tem geralmente uma área elíptica, variando de 25 x 35m a 130 x 170m. Naqueles onde permaneceram um testemunho, pode ser observada uma altura que varia de 4 a 9m.

A subsistência destes grupos baseava-se principalmente nos recursos do mar, caracterizado como modo de produção de coletores marinhos especializados, tendo como complementação a coleta de sementes e raízes. Os resíduos alimentares, compostos por conchas, pinças e carapaças de crustáceos e ossos de pequenos animais permitem o conhecimento das espécies mais utilizadas na dieta destes grupos.

Entre moluscos destacam-se o cernambi (*Anomatocardia brasiliana*), a ostra (*Cassostrea arborea*), o sururu (*Mytella* Sp.) e vários caramujos. Os crustáceos estavam representados por quatro espécies de caranguejos, tendo sido identificadas também várias espécies de peixes. Os vertebrados terrestres devem ter tido um

papel irrelevante na dieta alimentar, fato que pode ser comprovado pelo reduzido número de ossos de pequenos roedores.

A presença de cerâmica parece indicar um aproveitamento constante de recursos vegetais.

Segundo Simões (1981:1) "A tradição Mina parece representar o segmento nordeste da ocupação do litoral sul-americano, entre os VI e IV milênios antes do presente por grupos ceramistas adaptados aos recursos do mar".

Como as mudanças no padrão de subsistência não se dão bruscamente e nem de forma linear, algumas etapas intermediárias experimentais devem ter acontecido, sendo que o modo de vida destes grupos do Salgado podem ter representado uma delas.

CORRELAÇÕES COM OUTRAS OCORRÊNCIAS CERÂMICAS

A tradição Mina foi considerada por Simões (1973:17) como uma tradição ceramista regional, mas que pode ser correlacionada com outras evidências como a fase Alaka, da Guiana e com os sambaquis da Ilha de São Luis, no Maranhão.

Outros autores como Hurt (1984) e Brochado (1984) procuram correlações mais amplas para esta cerâmica dentro do complexo cultural Americano. Hurt (1984: 9), aponta uma correlação com a cerâmica de Puerto Hormiga, na Colômbia com datação semelhante.

Brochado (1984: 5) vai mais longe nas suas considerações, buscando um substrato vasto comum às várias ocorrências similares. Aponta um desenvolvimento comum para a tradição Mina⁴ e para Palo Blanco como "diretamente derivadas de dois focos de desenvolvimento cerâmico, ambos caracterizados por formas globulares extremamente simples, localizados respectivamente na desembocadura do sistema fluvial Amazônico (Mina) e no estuário do Prata (Palo Blanco)" (op. cit.). Lembrando que estes dois sistemas fluviais são interconectados pelos seus afluentes superiores, esta localização sugere que estas tradições podem estar vinculadas a uma tradição Amazônica muito simples e mais antiga, que deveria estar presente na base das sequências arqueológicas Amazônicas.

Monsú, localizado perto de Puerto Hormiga é também relacionado por Reichel-Dolmatoff (1985) a todo este complexo de datações cerâmicas antigas, sendo que o mesmo é feito por Cigliano (1966) no seu trabalho sobre Palo Blanco. Existe, portanto uma preocupação dos diversos autores em relacionar estas datas.

Pensamos que estas correlações podem ser feitas em termos cronológicos, relacionadas a um estágio de transição de modo de vida, onde provavelmente estão envolvidas tradições diferentes, que poderão ser definidas futuramente com a ampliação das pesquisas.

No que se refere à tradição Mina, mesmo não existindo muitos elementos para uma análise em maior profundidade entre esta ocorrência em território brasileiro

4 Para Brochado esta tradição está dentro de uma mais ampla denominada Tradição Pedra do Caboclo (1981:90).

e as outras cerâmicas com datações aproximadas que foram localizadas na América do Sul, elas deverão ser pensadas em conjunto como parte de um processo de mudança (vide mapa).

O quadro que possuímos até o momento mostra a presença de cerâmica com data recuada em sítios localizados ao longo do litoral, onde os recursos marinhos permitem uma longa permanência, com a disponibilidade para a observação, coleta e possível manipulação de espécies vegetais.

Achamos que o fato da cerâmica estar presente nestes sítios característicos de um modo de vida baseado na coleta de recursos marítimos, para o qual ela não é necessária, indica um incremento no consumo de fontes vegetais.

Um exame sistemático dos dados disponíveis sobre estes poderá indicar a existência de algumas constantes ligadas a um momento de diversificação dos gêneros coletados que pode indicar uma etapa intermediária entre um modo de vida de coleta para um de produção.

Considerações finais

A manipulação de plantas pode ter diferentes formas, não necessariamente a domesticação, que constituem os sistemas dos diversos padrões de subsistência. Representam em parte, uma resposta às condições ambientais e em parte um reflexo da tecnologia dominada pelo grupo. Os artefatos envolvidos nestas atividades servem de mediadores entre as necessidades e o ambiente, objetivando viabilizar ao máximo o aproveitamento dos recursos, constituindo-se em testemunhas destas atividades. Lógico, que esta situação depende do nível tecnológico e do ambiente percebido.

A presença da cerâmica, assim como de outros tipos de artefatos, cujo aparecimento além do significado de necessidade funcional, indica também uma situação social propícia ao desenvolvimento de certas especialidades artesanais. O desenvolvimento do machado polido, da tecelagem e da cerâmica, não representam uma simples coincidência sincrônica. Embora, a literatura esteja repleta de exemplos, onde a ausência ou presença destes artefatos não tem uma correspondência direta com as condições de coleta ou de produção, mas sim com outras variáveis de caráter regional.

Mesmo levando-se em conta que estes artefatos não estejam ligados passo a passo à produção de alimentos, a sua presença de alguma forma está ligada a um processo de mudança, de alteração de hábitos, que propiciaram o seu aparecimento.

Assim, a cerâmica pertencente à tradição Mina, encontrada em sítios concheiros, tidos como típicos de grupos coletores e pescadores, deve representar uma destas etapas intermediárias entre a subsistência de coleta para o de produção.

A presença desta cerâmica, na foz do Amazonas e no seu médio curso, pressupõe uma dispersão ampla como também a existência de uma mais simples de maior antiguidade.

Analisando o mapa de distribuição das ocorrências cerâmicas na América do Sul, dentro da faixa cronológica onde estão situadas as datações mais antigas, pode-

se perceber algumas condições semelhantes que devem ser levadas em conta no estudo da origem e desenvolvimento desta tecnologia.

Achamos que as dificuldades de pesquisa em áreas tropicais como o Brasil, e a ausência de quadros bem definidos, não devem ser motivo para não se questionar temas considerados importantes para o entendimento do processo cultural americano, como o aparecimento da cerâmica é a domesticação de plantas. Mesmo que os problemas não possam ser solucionados a curto prazo, devem ao menos ser formulados, possibilitando à arqueologia brasileira se integrar no debate mais amplo no contexto sul americano.

MAPA DA AMÉRICA DO SUL COM A LOCALIZAÇÃO DAS CERÂMICAS COM MAIS DE 4.000 ANOS.



MAPA DA AMÉRICA DO SUL. COM A LOCALIZAÇÃO DAS CERÂMICAS COM MAIS DE 4000 ANOS

Agradecimentos:

A Conceição de M.G. Corrêa pelas informações e comentários referentes ao Projeto Salgado.

ABSTRACT: The work presents the appearance of ceramics as being an indication of a change in the subsistence pattern. It makes some consideration regarding the Mina tradition, with ceramics dated to 4700 ± 65 , white occurs in shell-middens sites of the low Amazon and in Pará's coast. The presence of ceramics in these cities, which are typical of fishing groups and gathers, may indicate a transitory stage between gathering and production. These ceramics, together with other similar occurrences in South America, should be analysed in a joint from as part of a changing process.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALEXANDER, J.

1969 - "The indirect evidence of domestication" in Ucko, P and Dimbleby *THE DOMESTICATION AND EXPLOTATION OF PLANTS AND ANIMALS*, pag 124-120 .

1965 - *Arqueologia Brasileira em 1969*. Publicações avulsas nº 12. Museu 1965 - Paraense Emílio Goeldi, Belém.

BROCHADO, S.P.

1984 - *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into eastern South America*. University of Illinois at Urbana - Champaign. Illinois.

CIGLIANO, E. Mario

1966 - "La cerámica temprana em América del Sur. El yacimiento de Palo Blanco (Partido de Berisso, Provincia de Buenos Aires, Argentina) *AMPURIAS*, XXVIII, pag 163-172.

HILBERT, P.P.

1959 - Achados Arqueológicos num Sambaqui do Baixo Amazonas 1959. Publ. nº 10. Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, Belém.

HURT, W.

1984 - "Adaptações Marítimas no Brasil". *Revista Clio*. Universidade de Pernambuco. Recife, 1984 3:14.

MEGGERS, B. e EVANS, C.

1972 - "A reconstrução de pré-história Amazônica. Algumas considerações teóricas" in: *O Museu Goeldi no Sequisecentário*. Belém, 51-69.

REICHEL-DOLMATOFF, G.

1985-MONSU, Banco Popular, Bogotá.

SIMÕES, Mário F.

1972 - *Índices das fases arqueológicas brasileiras*. 1950-1971. Publicações avulsas nº 18. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém

1981 - *COLETORES-PESCADORES CERAMISTAS DO LITORAL SALGADO (Pará)*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. n.s. *Antropologia* nº 78. Belém

1973 - "A pesquisa arqueológica na amazônia legal brasileira". *DÉDALO*, 17,18, Universidade de São Paulo, São Paulo, 11-24.